

ISBN: 978-65-86558-33-3

UFSCar UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SÃO CARLOS

ações afirmativas, espaços de cuidado e
estratégias de resistência como caminho para a
equidade racial nos espaços universitários

DANDARA PEREIRA SOUSA

CPOI

Comissão Permanente
de Publicações Oficiais
e Institucionais da UFSCar


Kahto
Atividades Humanas
e Terapia Ocupacional

DANDARA PEREIRA SOUSA

AÇÕES AFIRMATIVAS, ESPAÇOS DE CUIDADO E
ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA COMO CAMINHO PARA A
EQUIDADE RACIAL NOS ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS



SÃO CARLOS
2021

Revisão Linguística:

Coordenação: Fernanda Castelano Rodrigues

Revisoras: Andréa Rosa Machado

Giulli Villa Nova de Oliveira Penido, Isadora Cristiana

Alves da Silva, Mônica Florice Albuquerque Alencar

© 2021 by Dandara Pereira Sousa.

Direitos dessa edição reservados à Comissão Permanente de Publicações Oficiais e Institucionais - CPOI

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização expressa do Editor.

Projeto Gráfico e Editoração eletrônica: Dandara P. Sousa, Carla R. Silva

Revisão Gramatical e Ortográfica: Fernanda Castelano Rodrigues, Andréa R.

Machado, Giulli V. N. de O. Penido, Isadora C. A. as Silva e Mônica F. A. Alencar

Normalização e Ficha Catalográfica: Marina P. Freitas CRB-8/6069

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Sousa, Dandara Pereira.

Ações afirmativas, espaços de cuidado e estratégias de resistência como caminho para a equidade racial nos espaços universitários. / Dandara Pereira Souza. — São Carlos : UFSCar/CPOI, 2021.

51 p.

ISBN: 978-65-86558-33-3

1. Terapia Ocupacional. 2. Racismo. 3. Sexismo. 4. Negritude. 5. Acolhimento. I. Título.



Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitor

Maria de Jesus Dutra dos Reis

APRESENTAÇÃO

Este livro é um produto da experiência do projeto *Espaço Seguro: acolhimento e estratégias de enfrentamento às violências cotidianas do machismo e do racismo* idealizado e produzido em composição ao Trabalho de Conclusão de Curso em Terapia Ocupacional da estudante *Dandara Pereira Sousa*, com orientação da *Profa. Dra. Carla Regina Silva* na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O projeto foi realizado entre agosto e novembro de 2019, pelo Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO-UFSCar), no Departamento de Terapia Ocupacional (DTO-UFSCar), com apoio do Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE) da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da Universidade Federal de São Carlos.

SUMÁRIO

1	Contextualização	9
1.1	Desigualdade racial no brasil	10
1.2	Desigualdade racial no contexto universitário	11
1.3	Ações Afirmativas e a Universidade Federal de São Carlos	13
1.4	Proposições da TO: a luta pela equidade, direitos, cidadania e participação social da diversidade	15
2	O início do caminho	18
2.1	A concepção do Espaço Seguro e o Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil	19
2.2	Nossa equipe	20
2.3	Plano de comunicação	20
2.4	Planejamento dos encontros, supervisões e grupos de estudos	24
3	Nossos encontros	24
3.1	Encontros semanais e temáticas propostas	26
3.2	Reflexões sobre os encontros semanais	28
3.3	Outras atividades desenvolvidas	29
3.4	Reflexões sobre as outras atividades desenvolvidas	31
3.5	Registros, organização da equipe, comunicação e memória	31
4	Avaliação	32
4.1	Permanência estudantil	33
4.2	Organização e metodologia	34
4.3	Sentimentos	35
5	O que produzimos	37
5.1	Criação de redes sociais	38
5.2	Registro fotográfico: Espelho, voz e potência	39
5.3	Relatório	40
5.4	Produção e divulgação acadêmica	41
5.4.1	Resumos e Apresentações de trabalho	41
5.4.2	Artigo	41
5.5	Espaço Seguro: acolhimento, estratégias e enfrentamento das questões étnico raciais relacionadas ao contexto universitário em meio a pandemia COVID-19	42
6	Considerações finais	44
	Lista de pessoas fotografadas	46
7	Referências	47

1Contextualização

"O eco da primeira palavra fica sempre no coração."
-provérbio africano

1.1 Desigualdade racial no Brasil

"O armazém já estava cheio de gente, e lá ficaram apenas os que não tinham nenhuma marca a ferro, pois tal marca indicava quem já tinha saído de África tratado de compra. Apesar de não estarem marcados, fui separada também de todos os muçurumins, e mais tarde soube que eles tinha grande valor e eram vendidos em lugares especiais. Fomos recebidos com certa alegria pelo branco que parecia ser o dono daquele local e que, ainda na rua, andou em torno de nós, apalpou nossas carnes, alisou nossas peles e provou o gosto deixado no dedo, abriu nossas bocas e olhou os dentes, e, por fim, fez sinal de aprovação. Quando entramos no armazém, percebi o motivo da felicidade, pois ele tinha um bom estoque de pretos, mas, juntando todos, não dava um de nós. Pareciam mesmo carneiros magros, bichos maltratados e doentes."

-Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves

De forma fictícia, mas narrando uma realidade dos povos africanos em diáspora no Brasil, o livro "Um defeito de cor" conta, em primeira pessoa, a história de uma personagem chamada Kehide, africana trazida para o Brasil pelo tráfico negreiro. A passagem acima ilustra o início da história dessa população no país. Os indivíduos pretos, trazidos pelos navios negreiros, arrancados de sua terra natal, pelo interesse colonial, iniciam sua trajetória nesse território como produtos, objetos em venda, propriedades de senhores brancos e europeus.

Após a chegada dos portugueses no Brasil, em 1500, os povos africanos foram trazidos como mão de obra. Por volta de 1535, as atividades comerciais colonizadoras se iniciaram e a partir daí o corpo negro passou a ser explorado como "força de trabalho", na produção de cana-de-açúcar, que se concentrava no Nordeste do país. Séculos depois a mão de obra africana passou a ser explorada na descoberta de ouro e diamante e mais tarde pelo ciclo do café (NASCIMENTO, 1978).

Não existem dados confiáveis sobre a quantidade de africanos que foram trazidos para o Brasil durante esse período, inclusive por conta da Circular Nº 29, de 13 de maio de 1891, assinada por Rui Barbosa (Ministro das Finanças), a qual ordenou a queima dos documentos históricos e arquivos relacionados ao comércio de escravos no Brasil. Esse foi um grande ato de apagamento histórico-cultural que ressoa até os dias de hoje, com a falsa ideia da democracia racial e a grande dívida de reparação histórica, pela ausência de políticas de benefício socioeconômico aos recém-libertos, que nunca foi paga e acumula juros há mais de 200 anos. No entanto, há uma estimativa de que aproximadamente 4.000.000 de africanos foram importados e distribuídos entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, São Paulo, Maranhão e Pará (NASCIMENTO, 1978; CARNEIRO, 2011).

O Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão. As peculiaridades desse sistema escravocrata, que também disseminava ideias europeias e eugenistas, propagando um sentido de superioridade de uma raça sobre a outra e criando significados negativos para o ser negro no Brasil, ressoa até hoje na estrutura política, econômica, social e cultural do país, da mesma forma, nas individualidades de quem sofre as consequências dessa mazela histórica.

A identidade negra nesse território então é marcada por uma exploração dos seus corpos, validada pela Igreja Católica, para construção de uma nação desfrutada somente pela Aristocracia Branca. A partir da difusão da ideia de inferioridade africana, do selvagem homem-de-cor que precisava ter a sua alma salva, da invalidação dessa cultura e da política de miscigenação, o apagamento histórico dos povos africanos no Brasil passa também pelo apagamento cultural e degradação dos seus conhecimentos (NASCIMENTO, 1978).

Devemos então, desmontar a falsa ideia de democracia racial¹ e olhar atentamente para as diversas estruturas através das quais o racismo se mostra. A discriminação racial produz efeitos sobre indivíduos e grupos, gerando sentimentos, pensamentos, condutas pessoais e interpessoais e, certamente, atua também em decisões e políticas institucionais.

Apesar da intensidade e profundidade de seus efeitos, o racismo também é capaz de produzir a naturalização das iniquidades disseminadas. É uma questão que teve início há séculos atrás, e por se remodelar de acordo com as novas políticas e contextos sociais, se mantém, como muitos o descrevem, sutil ou invisível (WERNECK, 2016). Mas, ainda presente e refletido em todas as dimensões da vida humana, de forma muito particular e, ainda, extremamente violenta para a população negra.

1.2 Desigualdade racial no contexto universitário

"(...) No dia seguinte a sua chegada, começaram as aulas para a sinhazinha Maria Clara aprender pelo menos as letras e os números, nos livros e cadernos que foram buscados às pressas na capital. Compraram também tinta, pena e outros apetrechos para a sinhazinha, e um quadro-negro onde o Fatumbi ia escrevendo o que ela precisava copiar. (...) Fiquei feliz por poder assistir às aulas na qualidade de acompanhante da sinhazinha, e tratei de aproveitar muito bem a oportunidade. (...) Enquanto a Sinhazinha Maria Clara copiava as letras e números que o Fatumbi desenhava no quadro-negro, eu fazia a mesma coisa com o dedo, usando o chão como caderno. Eu também repetia cada letra que ele falava em voz alta, junto com a sinhazinha, sentindo os sons delas se unirem para formar as palavras"

-Um defeito de cor, Ana Maria Golçalves

¹Democracia racial é um conceito que nega a existência do racismo no Brasil. É entendida como mito e ideologia a partir do momento em que busca exprimir a existência de uma suposta democracia que se estenderia às pessoas de todas as raças, negando então as desigualdades motivadas pelo racismo no país e por estruturas racistas culturais, sociais e políticas que privilegiam a população branca.

A educação no Brasil era destinada a pessoas brancas, descendentes de europeus, oriundos de determinada elite. As Instituições de Ensino Superior, então, desde o seu surgimento, em 1920, eram espaços de educação destinados a essa mesma população, e preferencialmente masculina.

Em 1854, a Lei 133 estabeleceu o “Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte”, que definia a admissão no ensino público primário e secundário apenas da população livre e vacinada, portanto a admissão de escravos era proibida (MARCÍLIO, 2005, p. 69).

Esse fato impossibilitava que indivíduos pertencentes a classes menos favorecidas, negros, por exemplo, adentrassem na academia, e com as possibilidades de estudo limitadas, tinham qualquer possibilidade de ascensão social freada (OLIVEIRA, 2013).

Embora, essa não seja a realidade atual, ainda são inúmeras as reproduções e as implicações desse percurso histórico presentes na academia brasileira hoje. O racismo institucional e as diversas formas de violência de gênero ainda estão presentes e são perpetuadas no contexto social do país e não é diferente dentro dos espaços universitários.

Segundo Grosfoguel (2016), há também uma violência epistêmica, que decorre dos processos coloniais e sobrepõe uma raça e um gênero a outros na valorização de conhecimento e nos espaços que produzem ciência. Compreende-se então a Universidade como um reflexo dos aspectos sociais, reprodutora da lógica do capital, patriarcal e colonial, porque inferioriza-se, ou rotula-se como exótico, os conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo os ocidentais) e possibilita-se o privilégio epistêmico aos homens ocidentais de definir o que é verdade e realidade. Esse monopólio gera estruturas e instituições com projetos imperiais/coloniais/patriarcais e que desqualificam outros conhecimentos que não sejam oriundos e direcionados ao mundo ocidental, mais especificamente cinco países: França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália.

Nas universidades então, os estudantes, para almejar uma suposta superioridade, devem se basear no padrão europeu, tanto na produção de conhecimento, quanto nos rituais, vestimentas, hierarquias e desigualdades. Se fecharmos os nossos olhos e nos colocarmos para visualizar, em um exercício de reflexão, qual o corpo acadêmico que representa a ciência e os estudos universitários, certamente, estaremos frente a frente com algum homem velho e branco (COSTA; UDE, 2020).

Bell Hooks (2013, p.45) diz que:

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática de liberdade.

Neste caso, o Ensino Superior sustenta a desigualdade social.

Apesar de refletir as construções sociais é um ambiente potente para transformação e ressignificação dos preconceitos naturalizados, (CHAUÍ, 2001). Se analisarmos criticamente a realidade social, a educação pode também ser prática de liberdade, porque torna-se capaz de promover a consciência para caminharmos na direção da transformação. Nesse sentido, a postura crítica, consciente, compromissada com a justiça social é possível por meio de uma educação libertária, dialógica, emancipatória que contribua para a autonomia, humanização pessoal e coletiva (FREIRE, 1967; 1979).

As instituições de ensino superior têm um papel fundamental na formação de futuros/as profissionais e necessitam transformar esse espaço em um ambiente de intolerância às violências, sobretudo estruturais como as de gênero e de cor/raça, bem como considerar as diversidades como elementos constituintes da nossa sociedade.

1.3 Ações Afirmativas e a Universidade Federal de São Carlos

Temos que a população negra é aquela que mais vivencia os processos de exclusão que perpetuam as desigualdades socioeconômicas. São necessárias políticas que visem a garantia do acesso, a permanência e a conclusão dessa população nas instituições de Ensino Superior no país (IBGE, 2017).

As políticas de ações afirmativas tiveram um impacto positivo para alterar essa realidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), depois de mais de 15 anos desde as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017. Elas visam garantir a democratização do Ensino Superior como uma reparação histórica, são um instrumento para a reconstrução da educação com foco na transformação social.

Munanga (2001) afirma que tais políticas são muito recentes na história da ideologia antirracista e visam oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens advindas das situações do racismo e de outras formas de discriminação. Por isso, são conhecidas como "equal opportunity policies", ação afirmativa, ação positiva, discriminação positiva ou políticas compensatórias.

O sistema de reserva de vagas surge como uma política nacional oficial de ação afirmativa que estabelece a reserva de 50% das vagas em universidades públicas para alunos de escola pública (BRASIL, 2012). Dentro dessas há um número destinado a alunos negros ou indígenas. Os estudantes realizam a prova do ENEM, assim como os estudantes de ampla concorrência. A diferença consiste em que os alunos de escola pública se identificam no processo de inscrição, podendo optar pelos grupos de identificação étnico-raciais (negros ou indígenas) ou pelo grupo de classificação por baixa renda. Por fim, são aprovados aqueles com a melhor classificação, o que garante a qualificação dos ingressantes. (OLIVEIRA; YAMAJI, 2015).

Assim sendo, o sistema de reserva de vagas é uma solução que visa combinar critérios de mérito com a justiça da reparação. O critério de mérito é obedecido no fato de que todo estudante que termina o segundo grau está habilitado, pela Constituição, a ingressar no ensino superior. A massa de secundaristas que não entram na universidade é formada pela incapacidade de o Estado fornecer educação superior para todos.(OLIVEIRA; YAMAJI, 2015, p.36)"

Na Universidade Federal de São Carlos a política de ações afirmativas, existente desde o ano de 2008, reserva 50% das vagas para alunos provenientes de escola pública. Dentro delas 35% destinam-se a afrodescendentes. Para os estudantes indígenas há a reserva de uma vaga em cada curso (UFSCAR, 2014).

Além da reserva de vagas o programa prevê o fortalecimento das ações para permanência estudantil dos alunos bolsistas, "mediante condições de sobrevivência e de orientação para o adequado desenvolvimento e aprimoramento acadêmico-pedagógico" (UFSCar, 2014, on-line) e a promoção "nos diferentes âmbitos da vida universitária, de ações objetivando a educação das relações étnico-raciais" (UFSCAR, 2014, on-line).

Portanto, refletindo sobre as desigualdades presentes no ensino superior e as dificuldades de permanência estudantil ligadas a questões financeiras ou sofrimentos sócio-políticos (racismo e machismo), é necessário que as universidades brasileiras, além da reserva de vagas, promovam espaços e políticas que repensem as desiguais estruturas epistemológicas e a permanência estudantil.

São demandas atuais para a permanência e conclusão da trajetória acadêmica de estudantes negros: a ampliação do número de auxílios, como bolsas alimentação e moradia, além da ampliação de cursos noturnos. Para mais, é extremamente necessário que haja maior visibilidade das questões de gênero na Universidade, bem como a importância de um trabalho de preparação dos professores e necessária mudança pedagógica do corpo docente a fim de trabalharem com a potência da diversidade, considerando as especificidades dos estudantes (OLIVEIRA, 2013).

Ou seja, são inúmeros os desafios e as demandas que temos que enfrentar para romper com as desigualdades e exclusões históricas e buscar a equidade do acesso, da permanência e da conclusão, na construção de um ensino superior público, gratuito e de qualidade para todos, com especial atenção à população negra.

Sendo uma universidade que propõe as Políticas de Ações Afirmativas, se faz importante que a UFSCar aprofunde suas políticas institucionais visando garantir a permanência e a conclusão estudantil e reformulem os paradigmas epistemológicos que não valorizam as diversidades culturais nas produções de conhecimento. Ressalta-se, então, a relevância da Secretária Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE), criada em 2015, com a resolução do CoAd no 076.

A Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE) é um órgão de apoio administrativo vinculado à Reitoria da Universidade Federal de São Carlos, responsável pelo estabelecimento e implementação de políticas de ações afirmativas, diversidade e equidade para a UFSCar, bem como pela criação de mecanismos permanentes de acompanhamento e consulta à comunidade, visando verificar a eficácia dos procedimentos e a qualidade e repercussão dos resultados alcançados (UFSCAR, 2016, s/p).

Levando em consideração que há um dispositivo bastante potente – a SAADE – presente na UFSCar, que é responsável institucionalmente por esse trabalho a favor da luta pela igualdade, é valoroso que o corpo discente, docente, técnico e de gestão contribuam com as suas ações. Logo, pesquisas de diferentes departamentos que abordem temas relacionados a tal questão política, através de atividades, levantamento e análise de dados, e sugiram ações ou discussões, são ferramentas importantes para concretização das Políticas de Ações Afirmativas.

Também são importantes a promoção, pelas instituições, de debates sobre as questões raciais e questões de gênero no interior das salas de aula, e outros espaços como nos Conselhos de Cursos, e a mobilização de estratégias no âmbito educacional que possam oferecer suporte, acolhimento e instrumentalização para estudantes negros e negras bolsistas, de forma a priorizar os cuidados e abranger os sofrimentos psicossociais e sociopolíticos de suas realidades e o cuidado em saúde.

1.4 Proposições da TO: a luta pela equidade, direitos, cidadania e participação social da diversidade

Ao associar o fato de que estudantes negros e negras sofrem com as consequências do racismo e do machismo no espaço universitário, em seus cotidianos, e que essas situações interferem em suas atividades humanas e ocupações, vislumbramos a contribuição da Terapia Ocupacional, a partir de uma perspectiva crítica.

Ao nos tornarmos críticos, questionamos ideias, conceitos e ações, tanto no campo prático como no campo epistêmico, podendo assim produzir outras perspectivas sobre as atividades e os corpos humanos, aproximando-nos das diversidades (AMBROSIO, 2020).

A Terapia Ocupacional terá sempre que lidar com as diferenças sociais impostas devido à diversidade que ocorre entre as existências de um indivíduo ou grupo reconhecendo quem não faz parte do contexto hegemônico e detentor de privilégios e quem faz. Além disso a Terapia Ocupacional deverá compreender a historicidade e contextos vivenciados pelas pessoas com as quais atua, para contribuir com a construção de novas concepções e perspectivas (LIMA, 2003; AMBROSIO, 2020).

Segundo Silvestrini, Silva e Almeida Prado (p. 934, 2019) :

Apesar de atualmente a terapia ocupacional estar apta para o trabalho com qualquer população, não apenas as excluídas, é necessário que as que sofrem o processo de exclusão, desigualdade e vulnerabilidade estejam no foco da atuação dessa profissão.

Podemos então refletir sobre o conceito de apartheid ocupacional, que se refere a um sistema de segregação que valoriza e privilegia algumas pessoas em detrimento de outras, através do status econômico e social. Uma lógica que está imersa nas práticas econômicas, sociais e culturais; logo, envolve as pessoas em seus âmbitos individuais e coletivos (KRONENBERG; ALGADO; POLLARD, 2006).

O apartheid ocupacional, então, marca a existência da população negra no Brasil e, conseqüentemente, dos estudantes negros, “tendo em vista as estruturas que inviabilizam o acesso e a permanência do negro em determinados espaços” (FARIAS; JUNIOR; COSTA, p. 232, 2018).

A Terapia Ocupacional, desde o seu nascimento, é uma profissão engajada e implicada com as demandas sociais urgentes relacionadas aos processos derivados da desigualdade e exclusão sociais, tendo suas ações vinculadas ao enfrentamento e fortalecimento do Estado, do bem comum e do bem público para superação destes processos socio-históricos, políticos, econômicos e culturais. É uma profissão também considerada política e que tem suas bases completamente atreladas a atuação do Estado e aos contextos socio-históricos e econômicos dos territórios.

[...] a Terapia Ocupacional, desde seus princípios fundadores, se preocupa com a plena humanidade das pessoas, então também deve admitir que a colonização do ser deve ser considerada como um problema para a profissão. Se a plena humanidade se refere a um ser pensante e com conhecimento, então a Terapia Ocupacional deve ter um problema com a rotulação de certos seres como incapazes de pensar ou menos inteligentes (RAMUGONDO, 2017, p.17, tradução nossa)

Por isso, ao desenvolver atividades humanas que contribuam para a dissolução das desigualdades, para a construção do espaço de sociabilidade, valorização da diversidade e busca pela qualidade de vida, participa do movimento de luta por cidadania e defesa dos direitos dos seus pacientes e outros interlocutores. É válido ressaltar aqui a importância de atividades que tenham raízes, pautem e enalteçam a identidade negra, para a construção de sentido e intenção no desenvolvimento daquela ocupação², bem como de um radical confronto com a desigualdade cultural, social e epistêmica (POLLARD; SAKELLARIOU, 2014).

Devemos pensar a cultura também por uma perspectiva étnico-racial que compreenda, considere e não invisibilize a diversidade, além de denunciar as construções que silenciam os impactos das questões raciais nas vivências sociais, econômicas dos grupos racializados. Neste sentido, a cultura produzirá, então, um discurso e uma práxis descolonizada e descolonizante, que não submete diferentes contextos culturais, e desenvolve ações por uma visão intercultural, plural e democrática (MARTIN; MILLARES, 2013; AMBROSIO, et. al, 2020)

²Nas atividades do Laboratório ISE, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o conceito de Atividades Afro Referenciadas constrói esse sentido para a terapia ocupacional que pensa sobre negritudes.

Nesse sentido, terapeutas ocupacionais podem contribuir na produção de estratégias, reflexões e práticas contra-hegemônicas, anticoloniais, anti heterocispatriciais e antirracistas na busca pela ruptura e superação dos impactos gerados pelas práticas hegemônicas e violentas, nos modos de vida e relações humanas. Entende-se a importância da busca pela justiça, equidade e respeito à diversidade humana e ambiental, cujas transformações passam necessariamente pela dimensão cultural das vidas humanas (SANTOS, 2006, 2014 apud SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019).

Reconhecendo a existência do racismo sistêmico e priorizando globalmente o combate a este, em declaração oficial, a World Federation of Occupational Therapists (Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais) suscita o compromisso de terapeutas ocupacionais, assistentes e alunos com a liberdade e a justiça ocupacional das pessoas, comunidades e sociedades impactadas (WFOT, 2020).

A atuação da Terapia Ocupacional é política e portanto, ausente de neutralidade. Se estamos imersos em relações de poder, o nosso cotidiano é influenciado pelas políticas e práticas. Considerando isso, os saberes de Terapia Ocupacional estão submersos em políticas impostas muitas vezes pelo Estado, desta forma desenvolver uma prática antirracista é assumir a posição política da profissão (PINO; CEBALLOS; SEPULVEDA, 2015).

A intervenção antirracista é valorizar a diversidade étnico-racial, a identidade das pessoas negras e indígenas; valorizar, garantir e recuperar as tradições, as práticas culturais e as práticas religiosas; garantir a segurança, alimentar a memória e a recuperação dentro das necessidades e das culturas de todos e todas; garantir a habitação, a educação, a saúde, o trabalho e uma renda digna a todas as pessoas, com segurança de suas práticas tradicionais (AMBROSIO, et. al, 2021).

Com isso, o espaço de escuta, a promoção de atividades humanas que proporcionem cuidado para esses grupos, bem como a reflexão sobre as atividades cotidianas dessas pessoas e grupo, faz-se extremamente enriquecedor. A Terapia Ocupacional pode proporcionar, de forma reflexiva, crítica e acolhedora um espaço que desenvolve também ações institucionais que contribuam para uma melhor qualidade de vida desses que sofrem mais diretamente os processos de desigualdade e de exclusão advindos sobretudo das relações de poder do colonialismo e do patriarcado.

2 O início do caminho

"Se quer saber o final, preste atenção no começo"

-Provérbio africano



2.1 A concepção do Espaço Seguro e o Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil

O projeto “Espaço Seguro: acolhimento e estratégias de enfrentamento às violências cotidianas do machismo e do racismo” nasceu através da percepção dos impactos do racismo no cotidiano dos estudantes negros e da necessidade de espaços que contribuam para a permanência estudantil deles. Com isso, a partir das resoluções do Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE), propomos a formação de um grupo terapêutico ocupacional, um espaço de escuta para o mapeamento das vivências relacionadas ao racismo na universidade e construção de atividades e rodas de conversa em coletivo (ANDRADE; SOUSA; VARELA; SILVA, 2020).

O projeto proporcionou de um espaço aberto para estudantes negros da UFSCar, no qual eram realizados encontros semanais durante o período de agosto a dezembro de 2019. A seguir, apresentaremos a equipe, nosso plano de comunicação, organização e planejamento.

O projeto submetido ao edital PIAPE/ProACE 004/2019 (em sua 1ª edição), o qual obteve um total de 33 propostas e 19 habilitadas³, sendo este o único voltado para estudantes negros/as. Todos os projeto aprovados foram apoiados com recurso da ProACE.

O PIAPE é um dispositivo institucional responsável por “incentivar o acolhimento, a permanência estudantil, o enfrentamento da violência institucional e das situações de vulnerabilidade socioeconômica em complementação às medidas institucionais existentes” (UFSCar, 2018, p.2). A proposta é de ampliar as iniciativas de ações de intervenção já existentes para colaborar com aquelas estruturadas e implementadas pelas equipes técnicas da ProACE, e, desta forma, estimular docentes e técnico-administrativos da UFSCar a desenvolverem projetos com atividades integradas que irão compor uma rede de suporte e proteção aos estudantes bolsistas do PAE-UFSCar, a fim de propiciar melhor inserção do/a estudante no ambiente universitário, a promoção, prevenção e atenção à saúde, o enfrentamento da violência institucional, o acompanhamento de seu desempenho durante o curso e a preparação de sua passagem para a vida profissional.

Tal política, em uma Universidade Federal brasileira, a favor da luta pela igualdade, é uma ferramenta de extrema importância para que as ações estudantis, que pautam tal questão, sejam valorizadas.

A partir de uma análise qualitativa dos registros em diário de campo e de relatos da experiência no projeto, refletiremos sobre as vivências tidas em grupo.

³https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/PIAPE_2019_DIVULGACAO_RESULTADO_FINAL.pdf

2.2 Nossa equipe

A equipe do Espaço Seguro, apresentada na imagem 1, foi composta por uma Terapeuta Ocupacional, professora do Departamento de Terapia Ocupacional e coordenadora do projeto, e quatro estudantes negras/o da UFSCar, dos cursos de Terapia Ocupacional e Ciências Sociais, sendo duas mulheres cis, um homem cis e uma mulher trans, todos representantes da comunidade LGBTQ+.

Imagem 1- Equipe Espaço Seguro



Alice Fernandes
Estudante de Terapia
Ocupacional



Carla Regina Silva
Terapeuta Ocupacional



Dandara Sousa
Estudante de Terapia
Ocupacional



Fernanda Marciano
Estudante de Ciências
Sociais



Lucas Varela
Estudante de Ciências
Sociais

Fonte: Acervo de imagens do projeto

2.3 Plano de comunicação

Iniciamos o nosso plano de comunicação com a criação de uma *logo* (imagem 2):

Imagem 2 - Logo do projeto



Fonte: SOUSA, Dandara.
Acervo de imagens do projeto

As mãos dadas têm a intenção de propor que, em coletivo, conseguimos caminhar em uma direção oposta a do racismo/sexismo epistêmico.

Para divulgar o projeto e o início das inscrições de forma ampla, utilizamos a lista de contatos pessoais da equipe e laboratório AHTO; Rede do Sistema de Apoio à Gestão Universitária Integrada (SAGUI) e Boletim informativo digital enviado diariamente a toda a comunidade da UFSCar (INFOREDE) da UFSCar, Whatsapp® e redes sociais que foram criadas pela equipe para o Espaço Seguro:

- Facebook®-@espacoseguroufscar
(<https://www.facebook.com/espacoseguroufscar/>)
- Instagram®-@espacoseguroufscar
(<https://www.instagram.com/espacoseguroufscar/>)

Além disso, também divulgamos as artes impressas em formatos de cartazes A4 em prédios de grande circulação da UFSCar (Restaurante Universitário, Biblioteca...).

Para tanto, a equipe elaborou conteúdo e arte específicos, (imagens 3, 4, 5 e 6):

Imagem 3 - Cartaz 1 para divulgação do Espaço Seguro



Fonte: FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

Imagem 4 - Cartaz 2 para divulgação do Espaço Seguro

"SOU UMA ESTUDANTE NEGRA E NA SALA DE AULA JÁ INTERROMPERAM MINHA FALA PARA AFIRMAR QUE SOMOS TODOS IGUAIS"

ufscar
PIAPE

lahto
Atividades Humanas e Terapia Ocupacional

ESPAÇO SEGURO

O projeto "Espaço Seguro" oferece encontros de escuta e cuidado para estudantes que queiram participar de um grupo para enfrentamento e estratégias dos processos relacionados às violência presentes no cotidiano universitário e contribuir com a permanência.

/espacoseguroufscar

Estamos te esperando!



Formulário para inscrição

Fonte: FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

Imagem 5 - Cartaz 3 para divulgação do Espaço Seguro

"SOU UMA ESTUDANTE EM UM CURSO DE EXATAS E JÁ RECEBI UMA NOTA MENOR, AINDA QUE O CONTEÚDO DA MINHA PROVA FOSSE IGUAL AO MEU COLEGA HOMEM"

ufscar
PIAPE

lahto
Atividades Humanas e Terapia Ocupacional

ESPAÇO SEGURO

O projeto "Espaço Seguro" oferece encontros de escuta e cuidado para estudantes que queiram participar de um grupo para enfrentamento e estratégias dos processos relacionados às violência presentes no cotidiano universitário e contribuir com a permanência.

/espacoseguroufscar

Estamos te esperando!



Formulário para inscrição

Fonte: FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

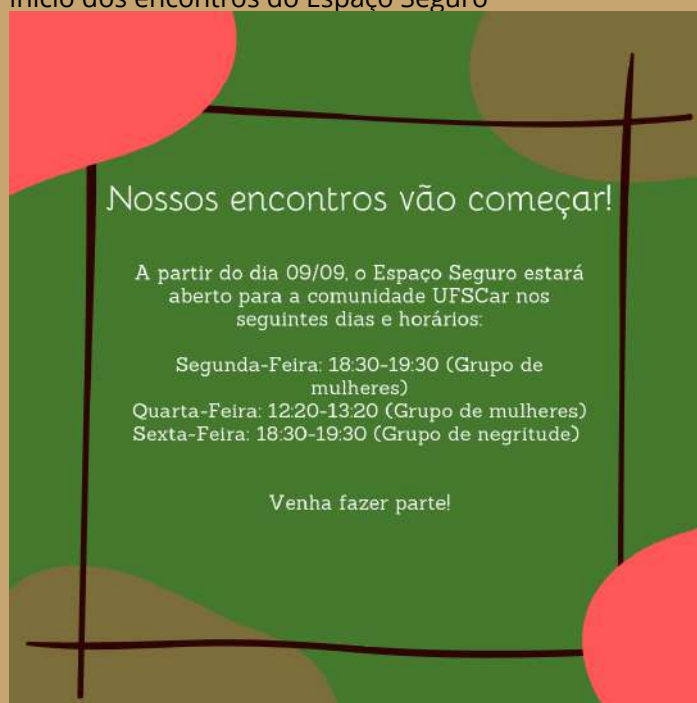
Imagem 6- Cartaz de divulgação do Espaço Seguro



Fonte: FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

Também comunicamos o início dos nossos encontros (imagem 7):

Imagem 7- Arte para divulgação em redes sociais sobre início dos encontros do Espaço Seguro



Fonte: SOUSA, Dandara. Acervo de imagens do projeto.

As artes traziam vivências associadas ao racismo, relatadas por membros da equipe, e o objetivo do projeto, descrito brevemente. Com isso, buscamos captar uma identificação e um pertencimento por parte daqueles que lessem os cartazes, e, consequentemente uma aproximação (SILVA *et al*, 2020).

2.4 Planejamento dos encontros, supervisões e grupos de estudos

A equipe do projeto encontrava-se semanalmente para planejamento, supervisão, estudo de temáticas relacionadas ao grupo e alinhamento em relação à composição teórico-prática, no Laboratório Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (SILVA *et al*, 2020).

Os estudos também qualificavam e contribuíam com o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais e pessoas- críticas, humanísticas e políticas- dos membros da equipe (SILVA *et al*, 2020).

3 Nossos encontros

"Ubuntu: eu sou porque nós somos"

3.1 Encontros semanais e temáticas propostas

Os encontros do Espaço Seguro 2019 aconteceram semanalmente durante o segundo semestre. Foram 10 encontros com temáticas e atividades diferentes discutidas em reunião de coordenação e propostas para o grupo.

1º- Encontro de apresentação

Neste dia aconteceu uma apresentação dos membros da equipe e dos participantes. Também conversamos sobre nossas experiências no espaço acadêmico da UFSCar e os motivos que nos levaram a ter interesse em compor o projeto (SILVA *et al*, 2020).

2º- Compartilhamento de sonhos em relação ao espaço

Nesta noite conversamos sobre os desejos de cada participante para o Espaço Seguro, por meio da técnica do *Dragon Dreaming* (metodologia para desenhar e realizar projetos criativos, colaborativos e sustentáveis com alto engajamento dos participantes), o que proporcionou uma construção coletiva dos nossos sonhos para o restante do semestre (SILVA, *et al*, 2020).

Também refletimos sobre os nossos corpos e as transgressões que eles performam a partir do poema "Do cu" de Patricia Borges da Silva, finalizamos o encontro com um momento de meditação (SILVA *et al*, 2020).

3º- Onde tem ficado o autocuidado?

Iniciamos o encontro com uma meditação sobre o "dia de ontem" e registramos em papel os sentimentos trazidos por ela. A partir desse momento realizamos uma dinâmica que relacionava o que estava escrito nos papéis com o que tinha sido trazido pelos outros participantes (SILVA *et al*, 2020).

Em seguida fizemos uma reflexão sobre o autocuidado, utilizando como ferramenta os quadrantes de ações: o que eu quero fazer e já faço; o que eu faço mas não quero; o que eu quero e não faço e o que não quero e não faço (SILVA *et al*, 2020).

A partir disso frisamos a importância do autocuidado com aquilo que nós fazemos ao longo da semana, e de como as nossas ações refletem ou não uma preocupação com nós mesmos (SILVA *et al*, 2020).

4º- Compartilhamento dos quadrantes

Este encontro foi destinado ao compartilhamento de todos sobre os registros individuais feitos no 3º encontro por meio dos quadrantes (SILVA *et al*, 2020).

5º- Oi, tudo bem?

Este dia foi iniciado com uma dinâmica de Comunicação Não Violenta (processo de pesquisa contínua que apoia o estabelecimento de relações de parceria e cooperação, comunicação eficaz e empatia). Sentamos em pequenos grupos e todos

tinham um tempo para responder a pergunta: "tudo bem?". A intenção era que todos do grupo se conhecessem melhor individualmente (SILVA *et al*, 2020).

6º- Qual o seu primeiro passo de mudança para que você possa começar a fazer o que não faz?

No início da noite escrevemos em papéis uma palavra que representava o nosso sentimento do dia, depois propomos uma meditação. A intenção era de que pensássemos como seria o nosso cotidiano com a inserção de atividades que não são feitas mas gostaríamos de fazer e imaginar como seria esse cotidiano com essas atividades. A partir daí abrimos a roda de conversa com a indagação: qual seria o primeiro passo de mudança, para que você possa começar a fazer o que não faz (SILVA *et al*, 2020).

No final do encontro registramos novamente em um papel como estávamos, para compararmos os dois sentimentos e refletir como o encontro foi percebido por cada um (SILVA *et al*, 2020).

8º- Que corpo é esse? Como ele nasce? Como é visto? Como vive?

Demos início à reunião com um cordel do livro de cordéis da Jarid Aires, que conta a história de Laudelina de Campos Melo, uma mulher negra que nas décadas de 40, 50 e 60 lutou por direitos trabalhistas das empregadas domésticas e foi fundadora do Sindicato das Empregadas Domésticas (Silva *et al*, 2020).

Com o foco em discutir o corpo, conversamos sobre como o poema retratava a mulher, e principalmente nos termos que usavam para se referir às empregadas domésticas, e nesse sentido, refletir sobre quais são os corpos que ocupam determinados lugares e como eles são retratados. Relacionando isso também a nossa vivência dentro da universidade (SILVA *et al*, 2020).

9º- Quem sou? Por quais territórios passo e passei para chegar até aqui?

O encontro foi destinado a realização da seguinte dinâmica: seriam falados, pelo coordenador da atividade, sentimentos e sensações. A cada palavra dita, os participantes teriam que encontrar qual ilha (pessoas, lares, lugares, eu comigo mesmo, outros...) deixavam-nos mais seguros no momento em que esse sentimento está presente no seu corpo. As ilhas estavam representadas por bambolês no chão (SILVA *et al*, 2020).

Os sentimentos eram: segurança, cuidado, dor, confusão, afeto, sossego, celebração, ansiedade, autoestima, medo, culpa, amor, poder e opressão, resistência (SILVA *et al*, 2020).

Depois da dinâmica tivemos um momento para refletir sobre tudo aquilo, sobre o autoconhecimento que a dinâmica acabara de expor. Perceber o nosso corpo e as nossas ações relacionadas aos lugares que passamos, proporcionou uma reflexão bem densa e também um apontamento do que esperamos para o futuro (SILVA *et al*, 2020).

10º O que diria para mim em alguns meses? O que diria para algum amigo que passa por situações parecidas com as minhas?

O encontro começou ao som de Luedji Luna - Um corpo no mundo, para uma sensibilização e atenção ao momento presente (SILVA *et al*, 2020).

Pensando então nos apontamentos no último encontro, em relação ao futuro, escrevemos duas cartas: uma para nós mesmos e outra para alguém hipotético que estivesse passando por uma situação parecida com a nossa (SILVA *et al*, 2020).

A primeira carta foi escrita com o intuito de ser lida depois de seis meses, mais ou menos em junho de 2020, já a outra foi colocada em uma pilha embaralhada, para que nós pudéssemos ler ali na hora. Cada participante leu uma das cartas que eram destinadas a pessoas que passavam por algo semelhante (SILVA *et al*, 2020).

Então abrimos uma roda de conversa e compartilhamos novamente, perspectivas, sentimentos e experiências.

3.2 Reflexões sobre os encontros semanais

Os encontros semanais iniciaram-se com o cuidado de construir um *Espaço* de sonhos coletivos para que ele fosse, de fato, *Seguro*. Por isso, a equipe pensou em temáticas e atividades que contemplassem os desejos e necessidades de cada um presente, incluindo os daqueles que coordenavam, e isso proporcionou, para todos, ao longo do processo, um sentimento de pertencimento e acolhimento (SILVA *et al*, 2020).

Por sermos estudantes negros e vivenciarmos o racismo na universidade cotidianamente, mesmo havendo um grupo destinado a coordenação das atividades, todos que estavam (participantes e equipe) compartilhavam o seu cotidiano e as suas experiências. Acho esse um ponto importante de reflexão pois afirma a coletividade do Espaço e uma relação de troca (SILVA *et al*, 2020).

Ao longo dos meses o Espaço Seguro contou com a presença de 10 participantes flutuantes, estudantes universitários da UFSCar, de diferentes cursos, e até mesmo alguns de fora da universidade, do ensino médio (pessoas que chegaram no espaço através dos encontros abertos e permaneceram). Ser um ambiente aberto e sem presença obrigatória, permitiu que as pessoas participassem do processo de forma livre e esse caráter também foi importante para a formação de vínculo, já que todos sabiam da existência semanal do Espaço e participavam quando realmente queriam, podiam ou tinham necessidade. Além do fato de que o cotidiano de muitos estudantes negros, principalmente bolsistas, é composto por compromissos acadêmicos e também de trabalho ou sobrecargas emocionais advindas de experiências racistas. A intenção do Espaço Seguro era ser um ambiente de acolhimento e não mais uma demanda que essa pessoa tem que cumprir diariamente para permanecer na universidade (SILVA *et al*, 2020).

Essa experiência pode ser considerada potente quando pensamos que, através de vivências e dinâmicas, construímos em coletivo um ambiente para o bem-estar de pessoas negras. Um ambiente que através das reflexões e conversas possibilita ao corpo negro estar em um espaço no qual seu corpo é cuidado, sentido e não violentado ou perseguido. Possibilita um respiro.

As meditações, leituras e atividades traziam todos para o momento presente e permitiam que pensássemos em nós, nas nossas vontades, desejos, medos, necessidades, experiências e que nomeássemos em sentimentos as nossas angústias e alegrias. Historicamente o corpo negro é visto como um organismo resistente, forte, que deve aguentar dores, fortes impactos, violências e não pode expressar sentimentos. Então ter momentos de reflexão sobre si e sobre o seu cotidiano além de importante é também político porque rompe-se com essa lógica oriunda do colonialismo e do racismo. Contar suas histórias e se encontrar na história do outro é uma oportunidade para que trajetórias de resistência, que são dolorosas, e podem ser solitárias, se tornem reconhecimento e potência coletiva.

3.3 Outras atividades desenvolvidas

Durante o processo de construção dos encontros a equipe de coordenação pensou em outras possibilidades de atividades para o grupo além da reunião prevista semanalmente, atividades de caráter pontual, como estratégia de complementação dos debates, divulgação do espaço e criação de vínculos (caso um novo participante se interessasse em participar do encontros poderia ingressar em qualquer momento):

- *Cinedebate (filme: Kbelá)*

Foi planejado pela equipe um cine-debate com temática: “Das opressões ao afeto: Exibição do curta-metragem ‘Kbelá’”. A intenção do encontro era propor uma roda de conversa sobre empoderamento, estima, os processos de embranquecimento aos quais as pessoas negras são cobradas de corresponder, a partir do curta-metragem (Silva *et al*, 2020).

- *Participação Espaço Seguro junto ao Café com Zine do Zine das Moras*

Zine Das Moras foi um projeto do grupo da moradia estudantil financiado pelo Edital PIAPE 01/19 que incentivava a permanência estudantil através da arte e da produção de zines - que é uma publicação não profissional produzidas por entusiastas da arte independente, reproduzindo determinado fator/fenômeno cultural (SILVA *et al*, 2020).

O Espaço Seguro integrou essa atividade na moradia junto com o grupo de artistas com o intuito de discutir a importância da arte como um potencial de autocuidado. Realizamos então uma roda de conversa sobre permanência estudantil, suscitando os mecanismos institucionais para tal e o espaço da saúde coletiva como fator primordial.

Posteriormente fizemos um piquenique compartilhado e uma série de produções de conteúdos culturais que englobou a edição final dos zines da moradia. Nossa temática principal foram os mecanismos de permanência estudantil institucionais e coletivo (SILVA *et al*, 2020).

- *Atividade externa em prol do dia da consciência negra*

Realizamos um encontro fora do ambiente universitário, durante a semana da consciência negra, em uma atividade proposta pelo SESC pensando em valorizar a cultura afro-brasileira: apresentação do Samba de Roda Nega Duda (SILVA *et al*, 2020).

- *Ensaio fotográfico: Espelho voz e potência*

Durante o mês da consciência negra oferecemos ensaios fotográficos gratuitos à toda a comunidade acadêmica, a fim de enaltecer a beleza dos corpos negros. Foram realizados 4 ensaios fotográficos, dentro da Universidade Federal de São Carlos (SILVA *et al*, 2020). A equipe elaborou uma arte para divulgação do projeto em redes sociais (imagem 8).

- *Celebração dos encontros*

Para finalizar o processo do Espaço Seguro 2019 e ocupar outros espaços, como última atividade, organizamos um momento de partilha em uma lanchonete no centro da cidade (SILVA *et al*, 2020).

Imagem 8 - Arte para divulgação dos ensaios fotográficos



Fonte: SOUSA, Dandara; FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto

3.4 Reflexões sobre as outras atividades desenvolvidas

As atividades abertas foram momentos com propostas diferentes entre si. Inicialmente a equipe pensou que seria uma oportunidade de divulgarmos o espaço seguro, conhecer novas pessoas que poderiam se interessar em integrar o grupo.

A partir do cine-debate alguns estudantes novos se aproximaram. Alcançar estudantes negros que ainda não sabiam da existência do espaço foi uma oportunidade construída a partir dessa atividade e da participação no Zine da Moras.

A atividade externa em prol do dia da consciência negra e a celebração dos encontros foram momentos em que saímos do ambiente universitário e construímos vínculo a partir da música e das risadas. O Espaço Seguro estava presente na vida de todos nós para além das atividades acadêmicas, então foi importante também nos encontrarmos em lugares diferentes da UFSCar.

Já o Ensaio Fotográfico foi uma experiência na qual vivenciamos as nossas conversas e discussões sobre ser uma pessoa negra na universidade de forma artística. Registramos também a beleza e potência dos corpos negros.

As atividades abertas foram oportunidades de compormos os encontros e em conjunto com os encontros semanais formaram uma rede de atividades de apoio social e afetivo.

3.5 Registros, organização da equipe, comunicação e memória

Para organização da equipe, criação de conteúdos e formulários e comunicação, usamos as ferramentas do nosso e-mail e também uma pasta analógica (SILVA *et al*, 2020).

Registramos então os Encontros Semanais de Planejamento, Supervisões e Grupos de Estudos e armazenamos esses registros, acordos e lista de tarefas na pasta analógica (SILVA *et al*, 2020).

Já na pasta virtual do Google drive® armazenamos os Diários de Campo que foram sendo escritos de forma coletiva e individual semanalmente depois de cada encontro. A pasta também foi sendo utilizada para os registros imagéticos (SILVA *et al*, 2020).

4 Avaliação

"Serendipidade então passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados"

-Ana Maria Gonçalves, um defeito de cor

Após finalizarmos os encontros do Espaço Seguro no ano de 2019, realizamos algumas avaliações com os participantes do projeto e membros da equipe. Construímos relatórios individuais dos membros da equipe, respondendo perguntas propostas pelo PIAPE, um relatório de projeto que seguia o modelo proposto pelo PIAPE e outro relatório de projeto organizado pela equipe. Além disso, elaboramos um formulário de avaliação para os participantes.

Analisaremos então, as temáticas que foram trazidas com maior densidade pelo grupo em suas respostas escritas nessas ferramentas, mas compreendendo que o Espaço pôde ser avaliado também durante o seu processo.

4.1 Permanência estudantil

O Espaço Seguro se comprometeu em oferecer um ambiente no qual os estudantes se sentissem confortáveis para encarar e debater as suas vivências cotidianas relacionadas ao racismo e que a partir dessas discussões a equipe pudesse pensar em ações dentro da universidade que visem o enfrentamento coletivo das desigualdades e favorecem a permanência estudantil. A partir das informações recolhidas então serão elaborados artigos e relatórios que tenham esse papel informativo e político (SILVA, *et al.*, 2020).

Pensar em como os estudantes negros se sentem dentro da universidade e propor ações que fortaleçam a sua permanência foi o principal pilar do Espaço Seguro. Acreditamos também que as discussões e atividades propostas ofereceram ferramentas coletivas e individuais para os participantes combaterem os atravessamentos cotidianos instaurados pelo racismo dentro da universidade (SILVA, *et al.*, 2020).

Em resposta ao formulário *online* todos os participantes disseram que (SILVA, *et al.*, 2019):

- Participariam dos encontros caso acontecessem no próximo semestre;
- Indicaram ou indicariam o Espaço para amigos;

Refletindo sobre a permanência estudantil através dos relatórios dos membros da equipe também podemos concluir que foi um importante espaço para os membros da equipe.

"Posso afirmar que encerro minha participação no projeto como uma nova (...). Muito afetada por todos os processos que vivenciei. Fortalecida pelo encontro com um coletivo que me acolheu e me preparou de diferentes formas em uma complexidade muito intensa, que não pode ser expressa em palavras, para enfrentar o racismo e o machismo que vivencio cotidianamente no ambiente universitário" (SILVA, *et al.*, 2019).

Nas avaliações os participantes e membros da equipe trouxeram as seguintes palavras que se relacionam com a permanência estudantil (imagem 9):

Imagem 9: Nuvem 1 de palavras com as palavras trazidas nas avaliações para descrever experiências no Espaço Seguro



Fonte: SOUSA, Dandara. Acervo de imagens do projeto

Com elas, compreendemos que um Espaço Seguro para cuidado e acolhimento dos estudantes negros para expressão de suas singularidades, afetos e potências, e construções coletivas certamente contribui para a permanência estudantil.

Acreditamos então nas seguintes ações/projetos/atividades como ferramentas que impactariam na permanência e/ou assistência estudantil (SILVA, *et al.*, 2019):

- Continuação de programas que propiciem o desenvolvimento de projetos com esse pilar dentro da universidade;
- Mapeamento e apoio das iniciativas que existem na universidade, para além dos editais, que tem como visão a permanência estudantil, como coletivos e grupos de estudantes;
- Realização de encontros entre a comunidade bolsista da universidade com o Departamento de Assistência ao Estudante.

4.2 Organização e metodologia

A organização e metodologia dos encontros eram pensadas nas reuniões de equipe, pelos membros, que em sua maioria eram estudantes negros. Eram espaços de planejamento, supervisão e estudo.

Foi trazido pelos membros da equipe, em seus relatos, que a interdisciplinaridade trouxe algumas dificuldades para o grupo de coordenação, mas também se fez potente e mobilizadora de muitas trocas e aprendizados (SILVA, *et al.*, 2019).

"Creio que a maior dificuldade foi mesmo a adaptação do formato de funcionamento das atividades da terapia ocupacional, nos encontros ter que realizar atividades com o corpo e incorporar o léxico daqueles espaços gerou um pouco de estresse pelas diferenças de abordagem em relação ao meu curso. Penso que esse processo de adaptação é normal e percebo que enriqueceu as minhas perspectivas de ação frente a diversas situações" (SILVA, *et al.*, 2019).

A equipe destaca também o quanto os encontros de planejamento/supervisão e a coordenação dos espaços foram importantes para os seus desenvolvimentos profissionais/emocionais/políticos e instrumentalização, uma vez que tinham a responsabilidade de coordenação do grupo, desenvolvendo esse instrumento profissional, mas concomitantemente tinham seus corpos acolhidos pelo Espaço composto por representatividade estudantil negra (SILVA, *et al.*, 2019).

"Me sinto amparada e pertencente. (...) Enquanto profissional, sei que pude aprender muito sobre o trabalho em equipe multidisciplinar e como torná-lo construtivo e saudável. Aprendi sobre acolhimento, respeito e escuta; sobre postura ética e profissional e por fim, aprendi e irei levar comigo, a solidariedade e postura política ativa como uma responsabilidade enquanto futura profissional" (SILVA, *et al.*, 2019).

Tal representatividade associada à participatividade e horizontalidade nos encontros propiciou também o desenvolvimento de uma relação circular entre participantes e equipe. Participantes do projeto respondem no formulário de avaliação do projeto, sobre os encontros, que: "Todos os encontros me marcaram de maneiras sutis e bastante claras, sejam pela boa relação com os coordenadores dos grupos seja com suas habilidades e competências em manejar o grupo" e "Me sinto à vontade. Sinto que todos estão presentes e também participando do grupo, o que facilita pensar que estou com pessoas que também estão aprendendo" sobre a relação com os membros da equipe.

Imagem 10 - Nuvem 2 de palavras com as palavras trazidas nas avaliações para descrever experiências no Espaço Seguro



Fonte: SOUSA, Dandara. Acervo de imagens do projeto

4.3 Sentimentos

O Espaço Seguro se propôs a construir um ambiente no qual todos se sentissem confortáveis para trazer suas experiências e sentimentos. Acreditamos que as reflexões se tornam mais ricas quando integramos mente e corpo e, portanto olhamos também para os atravessamentos cotidianos do racismo a partir do que sentimos em relação a elas.

Além disso, quando coletivizamos as nossas vivências e sentimentos entendemos quais são as violências vivenciadas por nós individualmente que fazem parte do coletivo.

"Identifico que a minha participação no Espaço Seguro me proporcionou uma experiência nova, de me colocar em um lugar de agência, daquela que faz, daquela que diz. Pude sair da dimensão passiva e silenciada, e ser ouvida e valorizada. Senti e vivi um Espaço de compreensão, escuta e possibilidade de me identificar com violências vivenciadas, cotidianamente, que pareciam individuais, mas na verdade eram pertencentes ao coletivo" (SILVA, *et al.*, 2019).

Na avaliação com os participantes do Espaço, propusemos que assinalassem os sentimentos que os atravessaram durante os encontros, a partir da lista de sentimentos da Comunicação Não Violenta (CNV). Aqueles que foram trazidos por mais participantes foram (imagem 11):

Imagem 11 - Nuvem 3 de palavras com as palavras assinaladas na avaliação sobre os encontros Espaço Seguro



Fonte: SOUSA, Dandara. Acervo de imagens do projeto

Por fim, ressaltamos aqui a importância de um Espaço livre para o compartilhamento das subjetividades negras e atravessamentos diários desses corpos através de trechos dos relatos de membros da equipe sobre o projeto:

"Por fim, ressalto que fazer parte do projeto Espaço Seguro oferecido para o PIAPE foi extremamente importante para mim, para os outros estudantes que participaram da equipe de coordenação e para os estudantes que participaram dos encontros. A iniciativa foi positiva para todos os envolvidos do processo e nos fez caminhar em direção a uma universidade mais igualitária e comprometida com as redes sociais e de cuidado dos estudantes."

"O projeto me ensinou a ter paciência, mas também gana para continuar persistindo em mundo mais democrático e inclusivo, que ofereça a todes es pessoas um lugarzinho cívico de fazer cidadã."

"Quanto aos resultados, cada encontro eu ganhava um 'gás' diferente para querer estar no próximo, pois sempre ouvíamos comentários positivos dos participantes de como aquele Espaço os fortalecia, era uma espécie de cura, de ambiente sagrado e seguro."

Sou muito grata por poder ter proporcionado um espaço de cuidado às pessoas negras, que muitas vezes é negado ou até mesmo inexistente."

"Enfim, sinto que cheguei até dezembro no E.S., mesmo que durante um semestre um tanto turbulento, contribuindo bastante com tudo, mas que com certeza, isso foi bem desproporcional em relação ao meu crescimento pessoal, e eu me sinto muito grato por isso."

5 O que produzimos

"Exú matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje"
-Provérbio Africano

5.1 Criação de redes sociais

Para divulgação das atividades do Espaço Seguro e apresentação da equipe, criamos uma página no *Facebook*® (/espacoseguroufscar) e um perfil no *Instagram*® (@espacoseguroufscar). Essas ferramentas foram muito relevantes para a comunicação do projeto e, através delas, algumas pessoas passaram a integrar o grupo. Os perfis das redes sociais podem ser visualizados nas imagens 12 e 13:

Imagem 12 - Perfil no Instagram do Espaço Seguro



Fonte: @espacoseguro. Disponível em: <https://www.instagram.com/espacoseguroufscar/>. Acesso em 04 jul. 2021

Imagem 13 - Página no Facebook do Espaço Seguro

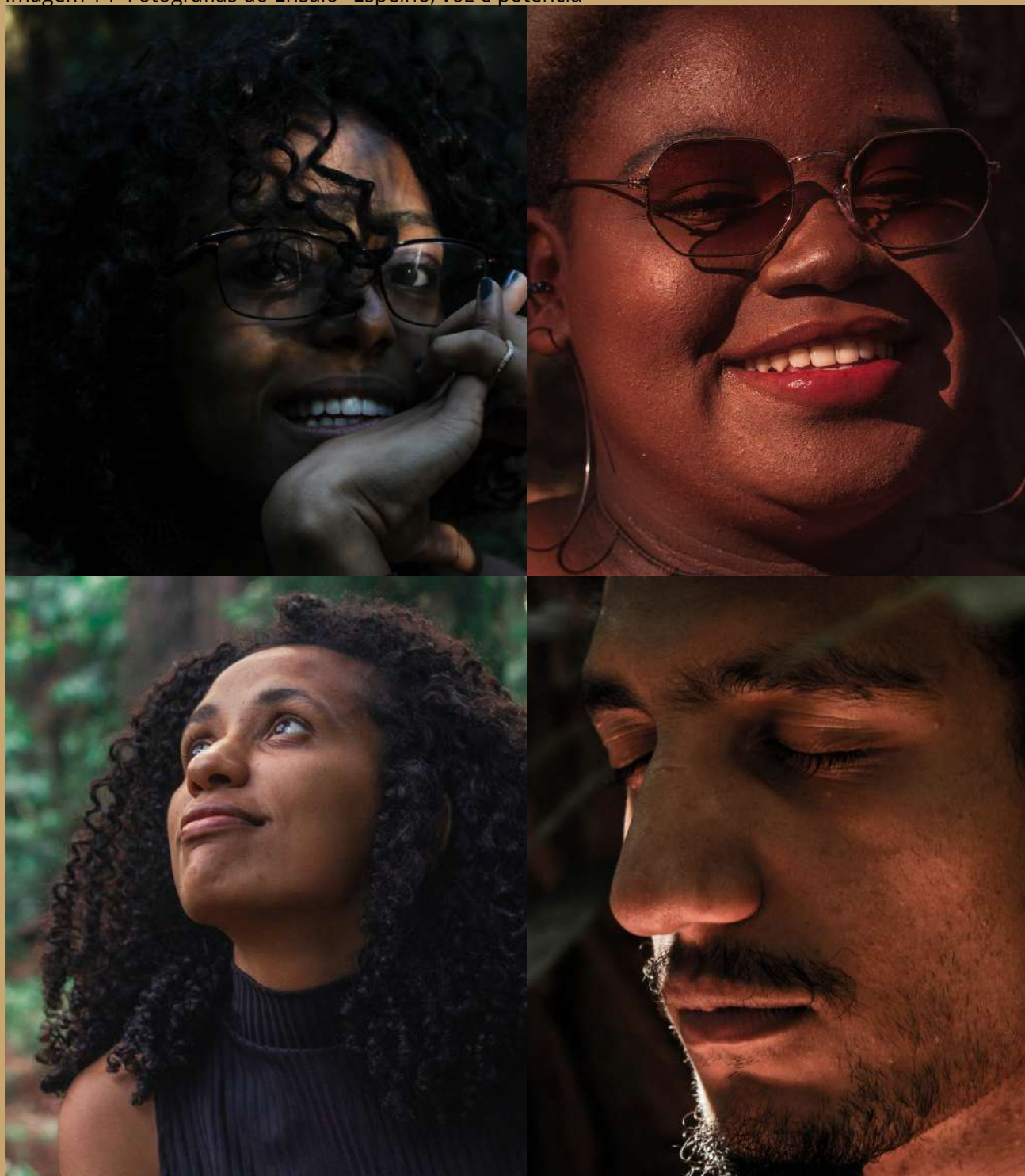


Fonte: @espacoseguroufscar. Disponível em: <https://www.facebook.com/espacoseguroufscar>. Acesso em 04 jul. 2021

5.2 Registro fotográfico: Espelho, voz e potência

A partir do Ensaio Fotográfico, registramos as experiências do Espaço Seguro também na linguagem artística. Foi possível a construção de uma narrativa imagética sobre a representatividade negra no Espaço Universitário e enaltecer os corpos negros e as suas histórias. Com as fotos, então, pudemos conversar subjetivamente sobre estima, cuidado e acolhimento. Além disso, foram essas fotos que utilizamos para ilustrar o relatório, o artigo, projeto no ano de 2020, divulgação do Espaço e também este livro.

Imagem 14- Fotografias do Ensaio "Espelho, voz e potência"



Fonte: SOUSA, Dandara; FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

5.3 Relatório

Foi elaborado pela equipe do projeto, um relatório final das atividades para devolutiva dos encontros ao Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE). O documento descreve as atividades, o público alcançado, avaliações da equipe e dos participantes e resultados, por isso foi importante para síntese e registro institucional das nossas ações no ano de 2019. Na imagem 15, a capa do relatório.

Imagem 15 - Capa do Relatório Final



Fonte: SOUSA, Dandara; FERNANDES, Alice. Acervo de imagens do projeto.

5.4 Produção e divulgação acadêmica

Entendemos que divulgar o projeto academicamente é um movimento importante para ocuparmos esses espaços também com as discussões sobre as relações étnico-raciais e a potência da experiência de um espaço para estudantes negros, bem como o debate sobre a permanência estudantil.

5.4.1 Resumos e Apresentações de trabalho

1. Resumo submetido e apresentado no evento I Encontro Cultura, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional: saberes em movimento, realizado entre os dias 05 e 06 de dezembro de 2019, na Universidade Federal de São Carlos:

- Alice Fernandes de Andrade, Dandara Pereira Sousa, Carla Regina Silva, Fernanda Helena de Sousa Marciano e Lucas Chaves Varela. ESPAÇO SEGURO: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO ÀS VIOLÊNCIAS DO RACISMO E DO MACHISMO NA UNIVERSIDADE. Modalidade Exposição Fotográfica. Apresentação de Alice Fernandes de Andrade e Dandara Pereira Sousa. 05 de dezembro de 2019.

2. Resumo submetido e apresentado no evento Café com Afeto, realizado entre os dias 28 e 29 de dezembro de 2019, na Universidade Federal de São Carlos:

- Alice Fernandes de Andrade, Dandara Pereira Sousa, Carla Regina Silva, Fernanda Helena de Sousa Marciano e Lucas Chaves Varela. ESPAÇO SEGURO: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO ÀS VIOLÊNCIAS DO RACISMO E DO MACHISMO NA UNIVERSIDADE. Modalidade Roda de Conversa. Apresentação de Fernanda Helena de Sousa Marciano, São Carlos: Café com Afeto e Universidade Federal de São Carlos, 2019.

3. Resumo submetido e apresentado no evento online II Café com AFETO , realizado no dia 23 a 26 de setembro de 2020:

- Dandara Pereira Sousa, Alice Fernandes de Andrade e Carla Regina Silva. ESPAÇO SEGURO: PROMOVENDO CUIDADO ENTRE ESTUDANTES NEGROS/AS/ES NA UNIVERSIDADE PÚBLICA. Modalidade Roda de Conversa. Apresentação de Dandara Sousa. 23 de Setembro de 2020.

5.4.2 Artigo

Também foi escrito, por membros da equipe, um artigo, que foi capa da revista RevisbraTO (imagem 16), sobre o "Ensaio Fotográfico: Espelho, Voz e Potência" (<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34249>). A partir de uma arte com fotografias desse ensaio, discutimos o racismo e o machismo no Brasil, a permanência estudantil e a representatividade negra na universidade, ressaltando a importância destes temas-lutas para a Terapia Ocupacional.

Imagem 16: Capa do artigo publicado na RevisbraTO



Fonte: SOUSA, Dandara; FERNANDES, Alice. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2020. v.(4) 6. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rieto/issue/view/1563>. Acesso em 04 jul. 2021.

5.5 Espaço Seguro: acolhimento, estratégias e enfrentamento das questões étnico-raciais relacionadas ao contexto universitário em meio a pandemia COVID-19

No ano de 2020, fomos atravessados pela pandemia de COVID-19. Esse cenário pandêmico, em que se estabelecem diversas fragilidades políticas, econômicas, sanitárias, sociais e culturais em cenário mundial, evidencia as desigualdades e exclusões que assolam os diferentes contextos constituintes da sociedade brasileira. Todo esse contexto e os desdobramentos relativos aos efeitos da pandemia pelo coronavírus ampliam também os agravos relacionados à saúde mental.

A partir dessa reflexão e compreendendo a importância de mobilizar estratégias no âmbito educacional, que possam oferecer suporte, acolhimento e instrumentalização de estudantes negros e negras bolsistas, de forma a priorizar os cuidados e de forma a abranger os sofrimentos psicossociais e sociopolíticos de suas realidades, constrói-se o projeto para o Espaço Seguro no ano de 2020.

A intenção, então, é proporcionar um espaço seguro de acolhimento e instrumentalização aos estudantes universitários, com ênfase nos bolsistas negros e negras, que têm diariamente lidado com as adversidades socioculturais evidenciadas no contexto pandêmico.

O projeto teve início em setembro do 2020 e será finalizado em fevereiro de 2021. Na imagem 17, a capa do projeto.

Imagem 17 - Capa do Projeto "Espaço Seguro: acolhimento, estratégias e enfrentamento das questões étnico raciais relacionadas ao contexto universitário em meio a pandemia COVID-19"



Fonte: SOUSA, Dandara; FERNANDES, Alice; SILVA, Carla Regina. Acervo de imagens do projeto.

6 Considerações finais

"Sankofa: Volte e pegue"

Segundo Abdias do Nascimento traduz-se por: retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

O Espaço Seguro no ano de 2019 foi um projeto de incentivo à permanência estudantil que possibilitou uma construção coletiva de encontros entre estudantes negros da Universidade Federal de São Carlos, a partir do edital PIAPE (0004/2019 ProACE). Foi relevante para a tecitura de uma rede que possibilitou o compartilhamento de vivências e debates em relação ao racismo e à permanência estudantil, entendendo que esta perpassa também pelo acolhimento e promoção de saúde.

Ao desenvolver nos espaços atividades humanas que contribuíram para a discussão e mapeamento das desigualdades, para a construção do espaço de sociabilidade, valorização da diversidade e busca pela qualidade de vida no espaço universitário, o projeto também promoveu um espaço terapêutico ocupacional de saúde.

É importante ressaltar o valor do incentivo institucional a projetos com tal intuito, uma vez que foi através do PIAPE que este se organizou e se sustentou financeiramente. Por meio do edital, foi possível submeter o projeto e buscar parceiros (voluntários e bolsistas) para sistematização dos encontros, que abordaram temáticas e desejos trazidos pelos participantes.

Além disso, o projeto foi proposto de forma consonante às resoluções trazidas no programa, possibilitando ampliar e complementar mapeamentos institucionais que contribuam para a permanência estudantil de estudantes negros e, através dele, formou-se um grupo e parcerias, através do Espaço Seguro, que são suficientes para sustentar ações para além do tempo de duração do edital.

A composição do espaço físico (Laboratório de Atividades Corporais do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos) teve relevância para a concretização da metodologia e desenvolvimento das atividades por possuir materiais e instrumentos que colaboraram para maior criatividade e sensibilidade. Ou seja, as ferramentas disponíveis no espaço possibilitaram a integração entre as experiências corporais, emoções e sentimentos, com as discussões e as temáticas propostas. Isso então abre espaço para que pensemos esse corpo e o seu cotidiano a partir de sua totalidade, proporcionando assim um cuidado integral em saúde.

Também é importante salientar que, segundo o edital, o projeto estava restrito à comunidade de estudantes universitários negros bolsistas da UFSCar, desta forma as conclusões e reflexões que chegamos podem ultrapassar esse grupo, mas não integralmente, pois a intenção era que eles estivessem em foco. Aqui é válido trazer que outros projetos PIAPE estavam abertos para outros públicos, e que esse conjunto maior de ações abrangem a permanência estudantil de forma ampla e complementar, o que é necessário para a construção de políticas que visem essa questão.

Por fim acreditamos que essa construção pode ser polinizadora para outras ações dentro da universidade que pautem a permanência estudantil e a igualdade racial.

LISTA DAS PESSOAS FOTOGRAFADAS

Caroline Spindola

Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

Lucas Chaves Varela

Maria Clara Pepato

O Espaço Seguro tem consentimento das pessoas fotografadas para uso da imagem.

7 REFERÊNCIAS

ALGADO, Salvador Simó; KRONENBERG, Frank; POLLARD, Nick. **Terapia ocupacional sin fronteras: aprendiendo el espíritu de superviviente**. Madrid: Médica Panamericana, 2006.

ANDRADE, Alice Fernandes de; SOUSA, Dandara Pereira; VARELA, Lucas Chaves; Silva, Carla Regina. Pertencimento e representação imagética: a negritude na universidade. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v.4, n.6, p.850-857, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34249/pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

AMBROSIO, Leticia. **Raça, Gênero e Sexualidade: Uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos**. 2020. 165f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

AMBROSIO, Leticia; ANDRADE, Alice Fernandes de; PRADO, Carla Cristina Pianca do; BRITO, Karolina Teixeira de; SILVA, Carla. Fest 8: a ocupação cultural de juventudes negra e periférica em espaço público. **Áskesis**, São Carlos, v.9, n.1, p. 176-191, jan-jun 2020.

AMBROSIO, Leticia; ECHEVERRÍA, Viviana Riquelme; MORRISON, Rodolfo; QUEIROZ, Adriana Gonçalves; SILVA, Carla Regina. La urgencia de una Terapia Ocupacional Antirracista. **Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional**, v.8, n. 1, 2021. Disponível em: <http://www.reto.ubo.cl/index.php/reto/article/view/116/103>. Acesso em: 19 jun. 2021

BRASIL. **LEI nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRUNELLO, Maria Inês Britto; CASTRO, Eliane Dias; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, Marysia M. R. P.; BARTALOTTI, Celina C. (org.). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 41-59.

CARNEIRO, Suely; **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

COSTA JÚNIOR, Jair da ; UDE, Walter. Educação afrodiaspórica e transformações na prática universitária: o SULear como uma perspectiva decolonial entre saberes.

Revista Interdisciplinar Sulear, [S.l.], 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4159>. Acesso em: 17 dez. 2020.

COACE. **Resolução COACE Nº116 de 12 de julho de 2018**. Dispõe sobre o Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil da UFSCar.

Disponível em: https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/Resolucao_PIAPE.pdf. Acesso em: 8 jan. 2021.

FARIAS, Magno Nunes; LEITE JÚNIOR, Jaime Daniel; COSTA, Isabellly Regianne Brasil Braga. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 228-243, 2018.

GONÇALVES, Ana Maria; **Um defeito de cor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014. 951 p.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do século XVI. **Sociedade e Estado**, v.31, n.1, p.25-49, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensino a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=783>. Acesso em: 16 abril. 2019.

IBGE. **Somos todos iguais?** O que dizem as estatísticas. Retratos, a revista do IBGE.

2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/17_eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf. Acesso em: 16 abril. 2019.

IBGE. **PNAD Educação 2017**. Educação 2017. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101621_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 16 abril. 2019.

INEP. **Censo da educação superior**. 2017. Disponível em:

<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 18 abril. 2019.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 64-71, maio/ago, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13918>. Acesso em: 17 abril. 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Instituto Fernand Braudel e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MARTÍN, Inmaculada Zango; MILLARES, Pedro Moruno. Aportaciones de la etnografía doblemente reflexiva en la construcción de la terapia ocupacional desde una perspectiva intercultural. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid. v.8 n.1, p. 9 - 48, 2013.

MUNANGA, Kabenguele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: Um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v.4, n.2, p.31-43 jul/dez, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/515/464>. Acesso em: 14 abril. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de Um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Juliana Augusta Nonato de. **Estudantes negros ingressantes na universidade por meio da reserva de vagas**: um estudo sobre processos educativos de construção da identidade negra e pertencimento étnico-racial no ensino superior. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2657?show=full>. Acesso em: 14 abril. 2019.

OLIVEIRA, Daiane de; YAMAJI, Fábio Minoru. O sistema de reserva de vagas da UFSCar. In: SILVA, P. B. G. e; MORAIS, D. de. S. (org.). **Ações Afirmativas**: Perspectivas de pesquisas de estudantes da reserva de vagas. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

PINO, Morán Juan; CEBALLOS, Margaret Ceballos, SEPÚLVEDA, Roxana Sepúlveda. Terapia ocupacional comunitaria crítica: diálogos y reflexiones para iniciar una propuesta colectiva. **Revista Electrónica de Terapia Ocupacional Galicia**, Chile, v. 12, n. 22, nov. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5308798>. Acesso em: 17 Abril. 2019.

PIAPE. Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil. **Editais N°004/2019- ProACE**. Dispõe sobre o processo seletivo e habilitação de Projetos voltados ao desenvolvimento de atividades de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil, vinculado ao Programa de Assistência Estudantil da UFSCar -PAE. 2019. Disponível em: https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/EDITAL_PIAPE_COACE_05_04_19.pdf. Acesso em: 08 jan, 2021.

RAMUGONDO, Ellewani. El trabajo de sanar: intersecciones para la decolonialidad. Discurso de abertura do Congresso da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais, 2018, África do Sul. In. ANTOLINI, M.; COLOMBERO, F.; SALAMI, A.; TERRANOVA, C. (trad.). **Metodologia da Investigação e Estatística e da Área Social**. Argentina, 2018.

SILVA, Carla Regina, *et al.* **Espaço Seguro**: acolhimento, estratégias e enfrentamento às violências cotidianas do racismo e do machismo: relatório final do projeto. São Carlos: UFSCar/AHTO, 2020. 23 p. (Relatório técnico.).

SILVA, Carla Regina, *et al.* **Espaço Seguro**: acolhimento, estratégias e enfrentamento às violências cotidianas do racismo e do machismo. Relatório de avaliação do projeto . São Carlos: UFSCar/AHTO, 2020. (Roteiro de avaliação PIAPE)

SILVESTRINI, Marina Sanches; SILVA, Carla Regina; ALMEIDA PRADO, Ana Carolina da Silva. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos , v. 27, n. 4, p. 929-940, Dec. 2019 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000400929&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 Jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Resolução COACE No 116. 12 jul. 2018. Disponível em: https://www.bolsas.ufscar.br/BOLSAS/ProACE/documentos/Resolucao_PIAPE.pdf. Acesso em: 9 maio. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Programa de ações afirmativas. Reserva de vagas. 2014. Disponível em: <http://www.acoesafirmativas.ufscar.br/reserva-de-vagas.html>. Acesso em: 16 abril. 2019.

SECRETARIA GERAL DE AÇÕES AFIRMATIVAS, DIVERSIDADE E EQUIDADE. Bolg. São Carlos, 2016. Disponível em: <http://blog.saade.ufscar.br/>. Acesso em: 16 abril. 2019.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.25, n.3, p.535-549. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf>. Acesso em: 14 abril. 2019.

WFOT. Statement on Systemic Racism. 19 jun. 2020. Disponível em: <https://wfot.org/assets/resources/WFOT-Statement-on-Systemic-Racism.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

